

DOCE CARIDADE / Na Asa Norte, programação para celebrar o dia começou com café da manhã e só terminou após o jantar

Festa para Cosme e Damião

» MARIANA REGINATO

Com saquinhos de doces montados e muitas crianças esperando, a celebração da data de São Cosme e Damião é comemorada no dia 27 de setembro na umbanda. Para as religiões de matriz africana, Cosme e Damião são os filhos gêmeos de Iansã e Xangô, conhecidos como orixás Ibejis, que representam a infância. Os gêmeos foram médicos que atendiam gratuitamente às pessoas carentes.

Com a bondade de Cosme e Damião, o Centro Espírita Assistencial Nossa Senhora da Glória celebra o dia prestando caridade, distribuindo doces, realizando refeições e compartilhando o bem para aqueles que cruzarem seus portões na 911 Norte. A programação começou cedo com café da manhã e estendeu-se até o jantar. Os doces foram distribuídos durante todo o dia.

Gilberto Marcos Pereira, pai de santo da Diretoria Espiritual do centro e frequentador do local há 49 anos, comenta que a tradição segue para dar continuidade à iniciativa implementada por Mãe Jurema, de 95 anos, e seu esposo, Pai Jorge da Costa Faria, que realizavam a celebração desde 1965. “Ela ainda nos ensinou a grandiosidade e a importância da caridade espiritual e material e da continuidade dos ensinamentos ancestrais”, destaca. Mãe Jurema participou do dia inteiro de atividades, chegando ao Centro perto das 6h.

“É o dia mais feliz da nossa avó, porque ela se sente revigorada com a quantidade de crianças aqui dentro”, comenta Vlademir, que trabalha há 13 anos no Centro.



Fotos: Mariana Reginato

Equipes se revezaram durante todo o dia para montar os saquinhos de doce para as crianças

Ele é responsável pelo acolhimento daqueles que frequentam o local. “Nós fazemos um trabalho assistencial, um trabalho de caridade. A data de hoje é muito importante, Cosme e Damião ajudaram muita gente. É uma data associada às crianças por conta da figura deles e as crianças são o futuro do mundo”, comenta. Para ele, é o dia mais feliz do Centro. Além dos doces, foram distribuídas cerca de 500 marmitas no período do almoço.

Para encerrar o dia festivo, às 20 horas foi servido o caruru,

comida típica dos éres. “É importante que a comunidade seja contemplada com as ações realizadas pelo Ceang neste dia e entenda que umbanda é amor e caridade, o foco do nosso trabalho”, ressalta Gilberto.

Trabalho coletivo

Para organizar os doces, diversos voluntários se reservaram montar sacolinhas. Carmen Oliveira é consulete do Centro há pouco mais de dois anos e participou pela primeira vez da comemoração.

“Essa casa é muito importante para mim, muito importante mesmo. Me voluntario pelo que sinto aqui. O dever de participar, de ajudar em qualquer coisa. É uma forma de retorno”, comenta Carmen Oliveira.

David Ricardo também tirou o dia para ajudar nas montagens da celebração, ao lado da esposa e do filho. “Para a gente, é transformador. Estamos prestando a caridade, ajudando o próximo e sentimos isso de uma forma muito forte”, comenta. Para ele, é engrandecedor fazer parte desse momento ao lado da família.



Gilberto Marcos Pereira, Pai de Santo, e Mãe Jurema, fundadora do Centro



David Ricardo, Kenai Lima e Sheila Castro se voluntariam em família



Carmen Oliveira frequenta o Centro há mais de dois anos

ARTE

O break pulsa em Ceilândia

» MARIANA SARAIVA

As rodas se abrem, o chão vira palco e os corpos narram histórias no ritmo do beat. Ontem, no Sesc Ceilândia, a energia foi além da música, tomou conta do espaço, transbordou das arquibancadas e se espalhou pela cidade. É a 9ª edição do Festival Nacional de Breaking Quando as Ruas Chamam, um dos maiores encontros de dança de rua do Brasil, que une arte, resistência e celebração da cultura urbana em um só fluxo.

O público que chega sente a vibração: o som do DJ mistura batidas clássicas do hip-hop com experimentações modernas, enquanto os grafites coloridos criam o cenário perfeito para a batalha. Nas arquibancadas, famílias inteiras se acomodam com olhares curiosos, crianças imitam passos ainda desconhecidos e veteranos lembram os tempos em que o break ecoava nas praças e quadras de Ceilândia como forma de protesto e afirmação cultural.

Quando a roda se forma, a atmosfera muda. Cada dançarino entra como um guerreiro urbano, cada passo é ataque, cada giro é defesa, cada freeze é vitória silenciosa. No lugar de armas, movimento. No lugar de gritos, o eco do hip-hop. No centro da roda, o corpo se torna discurso, e o chão, página em branco para ser reescrito a cada batida. Idealizador do projeto, o B-boy

Alan Jhone acredita que cerca de mil pessoas passem pelo festival ate hoje, com 200 dançarinos de diferentes regiões e países. “O público vai encontrar o break da forma mais natural como ele é praticado. Aqui é reunião de dançarinos e da cultura hip-hop em geral. A Ceilândia é um polo do break no Distrito Federal. A ideia é fortalecer nossos artistas, promover intercâmbio com dançarinos de fora e aproximar a comunidade dessa arte, que tem uma trajetória tão parecida com a própria história da cidade: feita de resistência e luta”, afirma.

A programação é extensa. Com entrada gratuita e classificação livre, o evento conta com batalhas, música, artes visuais e debates. As disputas estão divididas em cinco modalidades: Crew Battle (grupos), 1x1 Battle, B-Girl Battle (feminino), Especial Battle (PcD) e a democrática Cypher Kings/Queens, onde qualquer pessoa pode entrar na roda, mesmo sem competir oficialmente. É nesse espaço que se revelam talentos inesperados e que a essência da cultura se mostra mais viva.

O festival também tem sotaques de fora. O mexicano Emiliano Moncada, 33, saiu de Guadalajara para viver essa experiência. “Estou aqui para fazer esse movimento crescer. Ganhar ou perder não importa: o essencial é dançar, porque é pura emoção. Ter a atenção das pessoas é algo poderoso. É o instante de brilhar e compartilhar quem você é.

Fotos: Ed Alves CB/DA Press



Considerada o berço do hip hop no DF, Ceilândia é palco na 9ª edição do Festival Nacional de Break



Emiliano Moncada veio do México para o evento

Essa é a verdadeira vitória”, afirma. No meio do público, é impossível ficar parado. Jovens torcem por suas crews favoritas, crianças



Adriano Oliveira está em Brasília pela primeira vez

improvisam passos na lateral da quadra e idosos batem palmas no compasso, lembrando o tempo em que a Ceilândia era berço dos

primeiros movimentos de hip-hop no DF. A cada batalha, as arquibancadas vibram como se fosse final de campeonato.

Vindo de Santa Catarina, Adriano Oliveira, o Drikow, 37, pisou pela primeira vez em Brasília para participar. “Brasília já ganhou meu coração na chegada. Hoje, dançar é meu refúgio, meu jeito de aliviar o peso do mundo. Não é mais só técnica, é encontro comigo mesmo. Estar aqui é desafiar meu próprio coração, e eu estou muito feliz em participar dessa batalha”, conta.

Mas a cultura não se limita ao espaço físico. Pensando em ampliar o alcance, a organização abriu seletivas virtuais por vídeo, dando oportunidade a dançarinos que não puderam viajar. Outra novidade foi o Concurso Virtual de Graffiti, que definiu a identidade visual da edição de 2025. A arte vencedora, assinada pelo grafiteiro paulista Dan, está estampada em todos os materiais gráficos do festival, reforçando a união entre dança e artes visuais.

Hoje, a partir das 14h, as batalhas tomam conta do Sesc, acompanhadas de shows da banda Groove Attak (DF), performances livres e discotecagem de DJs consagrados como Batata Killa (SP) e Sapó (DF). No microfone, a condução é de MC Uiu (SP), mantendo a energia lá em cima. O time de jurados inclui referências, como Portño (Argentina), Fanny (GO) e Pedrinho (RS), garantindo olhares diversos e experiências ricas nas avaliações.

É duelo, mas também é abraço. É disputa, mas também é respeito. No fim das contas, mais do que vencer, o que importa é celebrar a criatividade, a coletividade e a força de uma cultura que nasceu das ruas e, até hoje, pulsa nelas. A Ceilândia, com sua história de resistência e voz ativa, reafirma-se como um dos berços mais potentes da arte urbana no Brasil.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 27 de setembro de 2025

» Campo da Esperança

Alice Gomes da Silva, 97 anos
Edmar Elísio de Faria, 69 anos
Elpídia Antunes da Silva, 76 anos
Francisco das Chagas Sousa Luna, 79 anos
Giseuda Sobreira Pereira de Oliveira, 91 anos
Izaías Gomes, 81 anos
Joana D’Arc Aparecida Silva, 65 anos
José Faustino dos Santos, 98 anos

José Givaldo Quirino de Oliveira, 57 anos
José Manoel dos Santos, 66 anos
Maria do Socorro Araújo Diniz, 69 anos
Maria Gabriela Letelier Pincheira, 80 anos
Maria Zenaide de Sousa Ferreira, 88 anos
Mario Ramos da Silva, 71 anos
Patrícia de Lima Barbosa, 49 anos
Patrícia Montandon Borges, 63 anos

Roberto Luiz Feitosa da Silva, 64 anos
Valmir Dias Leite, 71 anos

» Taguatinga

Antônio Lima de Araújo, 71 anos
Carlos Augusto de Medeiros Campos, 36 anos
Deusimar Rodrigues Chaves, 36 anos
Euripedes Gomes da Silva, 61 anos
José de Sousa Chaves, 57 anos
José Tercero Maia, 80 anos
Marinalva de Albuquerque Souza, 78 anos

João Oliveira de Araújo, menos de 1 ano
Raimundo Costa Silva, 56 anos
Zaira Mota Teixeira Alves, 81 anos

» Gama

Sebastiao Moreira Neves, 77 anos

» Brazlândia

Mateus Araújo Chaves, 72 anos

» Sobradinho

William Arnaud de Lima, 59 anos

» Jardim Metropolitano

Fernando Marongio, 69 anos (cremação)
Maicon Rogério de Jesus, 40 anos
Maria Celeste Guedes Almeida, 85 anos (cremação)
Maria Olga Paula Rodrigues, 67 anos (cremação)
Valmira Silva de Souza, 52 anos